

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

POR UMA CANÇÃO

20 de Agosto de 2021

A CONQUISTA DE FARO / 2005

um filme de RITA AZEVEDO GOMES

Realização: Rita Azevedo Gomes *Argumento:* Agustina Bessa-Luís *Imagem (cor):* Acácio de Almeida *Som:* Olivier Blanc, Filipe Tavares *Cenários, Adereços, Vestuário:* Roberta Chaves, Hugo Chaves *Montagem:* Edgard Feldman, Rita Azevedo Gomes *Montagem de som:* Tiago Matos *Mistura de som:* Joaquim Pinto *Assistentes de realização:* Paulo Guilherme, Jorge Lopes *Assistente de imagem:* Sílvia Diogo *Iluminador:* Maçariku *Apoio à produção e divulgação:* Nuno Rodrigues da Costa *Interpretação:* Rita Durão (a Rapariga dos óculos cor-de-rosa e a moura, Zara), Anísio Franco (Lúcio e o Alcaide de Faro, Aloandro), João Reis (o Professor e o Rei D. Afonso III), Leonor Baldaque (a Mulher do Professor e Dona Brites), Marie Carré (Madame Dumond), João Pedro Bénard (o recepcionista), Manuel Cintra Ferreira (o turista de Faro), Rafael Almeida (tocador de alaúde), Tânia Martins (empregada de mesa).

Produção: Suma Filmes *para* Faro Capital Nacional de Cultura (Portugal, 2005) *Produtor:* Paulo Rocha *Produtor executivo:* João Pedro Bénard *Assistente de produção:* João Gusmão *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 33 minutos *Estreia Mundial:* Festival de Turim, 2005 *Inédito comercialmente Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Janeiro de 2006 (“Ante-estreias”, com A 15ª PEDRA – MANOEL DE OLIVEIRA E JOÃO BÉNARD DA COSTA EM CONVERSA FILMADA POR RITA AZEVEDO GOMES).

A CONQUISTA DE FARO é apresentado com O ÚLTIMO MERGULHO de João César Monteiro (1992), “folha” distribuída em separado | a sessão decorre ao ar livre, na Esplanada 39 Degraus, com intervalo | entre os dois filmes, com diferentes formatos de imagem, há uma curta pausa para acertos de projecção.

A CONQUISTA DE FARO é o filme da primeira vez da realizadora Rita Azevedo Gomes com a escritora Agustina Bessa-Luís, anos antes de A PORTUGUESA (2018), a longa-metragem em que Rita filma um conto do austríaco Robert Musil a partir de uma adaptação de Agustina – “um enigma em cima do enigma” (expressão da realizadora) sob a forma de um guião de poucas páginas de diálogos. Ao contrário do que sucedeu nesse caso, em que o interesse pelo exemplar de um livro achado num alfarrabista levou à leitura de um de três contos, entretanto recomendado por Agustina, para A CONQUISTA DE FARO Rita procurou Agustina por procurar uma ideia. Ou então um enigma. Por essa altura, Faro preparava-se para uma “Capital Nacional de Cultura” e do Sul chegou uma inesperada encomenda de filme. Disponível para o imprevisto, a realizadora foi sondar inspiração a Norte, de onde a réplica veio pouco depois, como contou numa “folha”-apresentação da CONQUISTA: havia uma história, uma lenda ligada à Conquista de Faro por D. Afonso III aos mouros, Agustina escreveu o texto.

Foi depois do ALTAR (2003), outro filme secreto de Rita Azevedo Gomes. A CONQUISTA DE FARO, que tem um genérico de cal celeste com jogo de letras, começa com um fundo esbatido e manchas de cor forte em primeiro plano: o azul escuro acetinado do vestido e o vermelho vivo do largo chapéu que a agustiniana Leonor Baldaque mostra antes de descobrir o rosto com um levantar de cabeça. A personagem é a alva mulher do professor interpretado por João Reis, e ambos um dos casais que se

cruzam acidentalmente algures numa estalagem algarvia. Dois “emigrantes no casamento”, ensinando ele em Évora e ela em Vila do Conde. Rita Durão (antes da VINGANÇA DE UMA MULHER, 2012) e Anísio Franco (ele sim, historiador de arte), ou a rapariga dos óculos cor-de-rosa e Lúcio, acolhem-nos numa mesa de terraço de onde não se vislumbra o mar, mas árvores frondosas filtradas à transparência, e se continua a escutar o vento quente que sopra logo de início misturado ao som do motor do automóvel dos viajantes. A conversa deriva para a alma, que ninguém aqui chama “um vício” ou “uma quimera” (um eco Agustina-Oliveira, FRANCISCA OU O PRINCÍPIO DA INCERTEZA), mas que aparece nos diálogos a propósito de distância e beleza, e da graça de uma filial contemporânea. Surge depois a história de Faro, cidade que se supõe próxima daquele poiso. “Lá vem o romance da Princesa moura”, atira a mulher do vestido azul. E depois, pronto – ainda ela – “Começa a conquista de Faro”. Divagam os convivas, servindo-se de borrego com hortelã cozinhado em barro. Funde-se o devaneio no sono da rapariga, com quem a câmara fica depois da série de “solos” que vão fixando as quatro personagens numa espécie de roda (embora à volta de uma mesa retangular e das cadeiras de braços em madeira e lona).

Da roda do filme toma parte esse episódio central do encontro dos casais, a sua entrada sono adentro em que a rapariga morena se confunde com a moura encantada sensível ao perfume de flores, talvez aloendros (ela não lembra o nome). A moura e a lenda são despertadas pela voz do professor de história que antes embala. Reclinada e afundada numa variação da luz, a rapariga adormecida marca uma passagem de cena, ou o seu desdobramento na representação do romance da princesa moura em que participam o alcaide de Faro, o Rei D. Afonso III e Dona Brites de Castela nos interpostos vultos dos protagonistas do almoço à beira do pinhal, que voltam para o café, traição à vista. “Liberdade, igualdade... Oxalá.” O bis de uma fala fora do tempo da encantada moura há-de marcar o desfecho, mas antes o zumbido automóvel faz *raccord* longínquo com o motor do carro do casal viajante, que desaparece assim como aparece. Neste pequeno filme, a história ocupa-se do conto da lenda entre coordenadas ariscas e sonhadoras, enquanto a experiência se entrega à sugestão.

Interlúdio, e a propósito: da roda do filme toma também parte o salto em estridência que intromete Janis Joplin sobre a imagem pop de um burro numa ponte suspensa algures numa auto-estrada nocturna à luz dos clarões de faróis. “Os perfumes da Arábia passaram todos.” O branco do calor veranil do Sul cede ao negro de um fundido para o rasgão desse último “acto” em que o animal começa por parecer uma silhueta melancólica e mantém, na posição, “a pose” perfeita para o enquadramento. É um achado da CONQUISTA, que assim se mantém à distância de Faro, nesse improvável plano sequência que dura um pouco mais do que os enérgicos oito minutos da canção popularizada no Festival de Monterey de 1967. Costuma haver animais nos filmes de Rita Azevedo Gomes mas é bem possível que, de todos eles, o burro deste plano seja o mais inesperado acrescentando ao enigma.

Maria João Madeira

adenda__

Ball & Chain

canção composta por Big Mama Thornton no início dos anos 1960
popularizada na interpretação de Janis Joplin

Sitting down by my window
Honey, looking out at the rain
Sitting down by my window, looking out at the rain
All around that I felt it
All I can see was the rain
Something grabbed a hold of me
Feel to me, oh, like a ball and chain
Hey, you know what I mean that's exactly what it
felt like
But that's way too heavy for you, you can't hold
them all
And I say, oh, whoa, whoa, oh, that cannot be
Just because I got oh, your love, please
Why does every
Oh, this can't be just because I got to need you,
daddy
Please don't you knock it down now, please
Here you've gone today
What I wanted to love you and I wanted to hold
you, yeah, till the day I die
Yes, I did, yes, I did, yeah, hey, hey, alright
Say, whoa, whoa, whoa, honey
This can't be anything I've ever wanted from your
daddy tell me now
Oh, tell me, baby
Oh, say, whoa, whoa, whoa, whoa, honey
This can't be, no, no, no, no, no
Yeah, yeah
I hope there's someone out there who could tell
me
Tell me why just because I got to want your love
Honey, just because I got to need, need, need,
need your love
I said I understand
Honey, what I'm wanna trying to say hi
Trying, try, try, try, try, try, try
Honey, everybody in the world, also same, baby
When everybody in the world what needs, seem
lonely
What I wanted work for your love, daddy
What I wanted trust your love, daddy
I din't understand how come you're gone
I don't understand why half the world is still crying,
man
And the other half of the world is still crying too,
man
I can't get it together
I mean if you go to ? Oneday, man
I mean, so baby, you want ? Three and sixty five
days, right

You ain't gonna within sixty five days, you gonna
for one day, man
I tell you, that one day, man, better be your life,
man
Because you know, you can stay oh man, you can
cry about the other three and sixty four, man I said
whoa, whoa, whoa
But you gonna lose that one day, man
That's all you got, you got to call it love, man
That's what it is, man
If you got today, you don't worry about tomorrow,
man
Because you don't need it
Because the matter of the fact, as we discovered
tat's rain, tomorrow never happens, man
It's all the same fucking day, man
So you gotta when you want to hold someone
You gotta hold them like it's the last minutes of
your life
You gotta hold, hold, hold and I say, oh, whoa,
whoa, now babe, tell me why
Hold, baby, 'cause some come on your shoulder,
baby
It's gonna feel too heavy, it's gonna weigh on you
why does every thing, every thing
It's gonna feel just like a ball
Oh, daddy and a chain